ENCAPE
2019
Encontro Nacional
de Composição
e Análise musical:
Perspectivas
Educacionais
Programa
e Resumos
CONSERVATÓRIO DE MÚSICA DE COIMBRA
inet
FCT
COMPETE
Minerva
universidade de aveiro
AECMC

Agradecimentos
Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra
Universidade de Aveiro - Departamento de Comunicação e Arte
Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança (INET-md)
Hilda Pinto Gonçalves (Centro de Formação da Associação de Escolas Minerva)
Associação de Estudantes do Conservatório de Música de Coimbra:
Ana Rosa, Daniela Godinho, Diogo Mendes, Francisco Heleno, José Cruz, Laura Arede,
Luís Nogueira, Mateus Queirós, Pedro Santos, Pedro Sousa, Sónia Alves
Ana Luz (Design gráfico)
Sónia Pião (Serviços Administrativos da Universidade de Aveiro)
Cláudia Alexandra Nunes (Turismo Centro de Portugal)
Helena Gabriela - “Suite das Fases da Lua” (Trompa)
Inês Costa (Flauta)
Filipe Ferreira (Oboé)
Afonso Rodrigues (Clarinete)
Rita Fonseca (Fagote)
José Maria Bessone (Piano)

Programa

26 de Junho

09:30 - 10:00 **Sessão de abertura**

10:00 - 11:00 **CONFERÊNCIA "A análise do objeto musical e a evolução da linguagem"**
KEYNOTE Christopher Bochmann

11:00 - 11:30 **Intervalo**

11:30 - 13:00 **TEMA "Criação de materiais e conteúdos: interdisciplinaridade, produção e edição"**
ORADORES Edward Ayres d'Abreu | Manuela Encarnação | Nuno Fernandes
MODERAÇÃO Christopher Bochmann

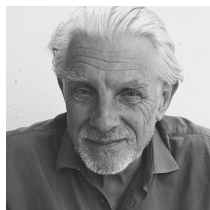
13:00 - 14:30 **Almoço**

14:30 - 16:30 **TEMA "Projetos e abordagens teórico-práticos"**
ORADORES Interferência (José Tiago Baptista | Manuel Brásio) | Nuno Peixoto de Pinho e Sofia Nereida
APRESENTAÇÃO Sara Carvalho

16:30 - 17:00 **Intervalo**

17:00 - 18:30 **Chamada de trabalhos**
ORADORES: Margarida Neves | Marta Moreira | Túlio Augusto
MODERAÇÃO: David Miguel

27 de Junho

10:00 - 11:00	**CONFERÊNCIA "Para além do formalismo: propostas para o ensino da Análise no ensino superior"** **KEYNOTE Daniel Moreira**
11:00 - 11:30	**Intervalo**
11:30 - 13:00	**TEMA "Articulação de Análise e Composição com outras disciplinas"** **ORADORES Gonçalo Lourenço | Helena Caspurro | Pedro Santos** **MODERAÇÃO Daniel Moreira**
13:00 - 14:30	**Almoço**
14:30 - 16:30	**TEMA "Organização curricular e política educativa no Ensino Artístico Especializado da Música"** **ORADORES António Ângelo Vasconcelos | Eugénio Amorim | José Alexandre Reis | Manuel Rocha** **MODERAÇÃO Sara Carvalho**
16:30 - 17:00	**Intervalo**
17:00 - 18:30	**Chamada de trabalhos** **ORADORES: Inês Vieira | João Ricardo | José Oliveira Martins** **MODERAÇÃO: David Miguel**

Conferência

A análise do objeto musical e a evolução da linguagem

Keynote

Christopher Bochmann

Resumo

Muitas vezes, é considerado que a análise mais fidedigna de qualquer obra musical é a que procura reconstruir o estado de espírito e as intenções do compositor durante o ato de composição: é considerado a análise mais autêntica, quase "autorizada".

No entanto, a composição de qualquer obra resulta de uma interação subtil e equilibrada entre a técnica e a intuição, entre o consciente e o inconsciente. Para além das escolhas conscientes, existem muitas opções intuitivas, tomadas inconscientemente: e frequentemente, são estas opções não raciocinadas que mais caracterizam o discurso musical. Se nos limitarmos à análise do que foi colocado conscientemente, corremos o risco de passar ao lado do verdadeiro discurso musical. Por outro lado, o reconhecimento das opções inconscientes poderá abrir o caminho para uma verdadeira evolução da linguagem musical, quer técnica- quer esteticamente, se bem que os dois são sempre inseparáveis.

A elevação de opções inconscientes para o nível da consciência é – e tem sempre sido – uma das maneiras mais naturais de fazer evoluir a linguagem musical, ou seja a parte mais raciocinada da composição, fazendo com que opções inicialmente intuitivas integrem cada vez mais a teoria da linguagem.

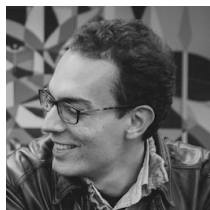
Utilizarei vários exemplos para tentar esclarecer esta proposta.

Nota biográfica

CHRISTOPHER BOCHMANN (n. 1950) é doutorado em composição pela Universidade de Oxford. Estudou também com Nadia Boulanger em Paris e com Richard Rodney Bennett em Londres.

Trabalha em Portugal desde 1980. Foi professor do Instituto Gregoriano de Lisboa e do Conservatório Nacional. Leccionou durante 22 anos na Escola Superior de Música de Lisboa, da qual foi Diretor de 1995 a 2001, e onde coordenou o curso de composição de 1990 a 2006. Atualmente, é Professor Catedrático da Universidade de Évora, onde foi Diretor da Escola de Artes de 2009 a 2017. É maestro titular da Orquestra Sinfónica Juvenil desde 1984. Em 2004 foi-lhe atribuído uma Medalha de Mérito Cultural do Ministério da Cultura. E em 2005 foi agraciado pela rainha Isabel II com a condecoração O.B.E.

As suas composições abrangem quase todos os géneros musicais, desde a música para solistas à música orquestral, da música de câmara à ópera, para além de inúmeras orquestrações e arranjos.

26.06.2019
10h00 > 11h00

Hiper-voluntarismo como caos: problemas de referenciação, pesquisa, usufruto em contexto musical profissional

Tema

Criação de materiais e conteúdos: interdisciplinaridade, produção e edição

Orador

Edward Ayres d'Abreu

26.06.2019
11h30 > 13h00

Resumo

Partindo da experiência acumulada ao longo de quase uma década na direcção do MPMP, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa, plataforma dedicada sobretudo à divulgação da música de compositores activos em Portugal no passado e no presente, a comunicação procura explorar criticamente os desafios e dilemas com que este trabalho tem deparado no exercício dos seus objectivos associativistas e estatutários. A reflexão incide necessariamente sobre a articulação em rede de iniciativas de âmbito musical e interdisciplinar — não só entre as múltiplas vertentes a que o MPMP se tem dedicado como entre diversos agentes e plataformas com actividade similar, em território nacional e internacional, com os quais tem logrado consolidar algum diálogo. Muitas são as perguntas que daqui resultam, algumas delas podendo desde já servir como síntese-partida para a discussão sugerida: como evitar (ou aproveitar?), em plena monopolização e globalização de dados e de marcas, a dispersão de esforços numa luta cultural de fundo contra-hegemónico?; que problemas particulares encerra, num meio musical tão pequeno quanto hiper-voluntarista, a criação de materiais e conteúdos de escopo inovador, e que instituições se deveriam convocar para este combate?

Nota biográfica

Nasceu em Durban, África do Sul, em 1989. Concluiu o Curso Complementar de Piano no Conservatório Nacional e a Licenciatura em Composição na Escola Superior de Música de Lisboa, onde foi aluno de Sérgio Azevedo e de António Pinho Vargas. Neste âmbito, frequentou o Conservatório Nacional Superior de Música e Dança de Paris enquanto aluno Erasmus, estudando com Gérard Pesson. As suas obras foram interpretadas pela Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa e Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, dentre outros agrupamentos. A sua ópera 'Manucure' estrou-se em 2012 no Teatro Nacional de São Carlos. É mestre em Ciências Musicais — Musicologia Histórica pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, tendo defendido a dissertação "Ruy Coelho (1889-1986): o compositor da geração d''Orpheu'" sob orientação de Paulo Ferreira de Castro. Frequenta actualmente o Doutoramento enquanto bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia. É membro do CESEM, Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical. É membro fundador e Presidente da Direcção do MPMP, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa, no âmbito da qual tem concebido e coordenado diversos projectos editoriais e de programação musical, tais como a revista Glosas, dedicada à divulgação da música de tradição erudita ocidental nos países de língua portuguesa. Como orador tem colaborado, em aulas, cursos ou concertos comentados, com a Fundação Calouste Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos e Instituto de Filosofia Luso-Brasileira.

Experimentação e criação: uma dimensão de Aprendizagens Essenciais em Música

Tema

Criação de materiais e conteúdos: interdisciplinaridade, produção e edição

Oradora

Manuela Encarnação

26.06.2019
11h30 > 13h00

Resumo

Os documentos curriculares de música do ensino geral, desde 1991, estão organizados em três dimensões que se apresentam com diferentes terminologias, mas que essencialmente têm a ver com o ouvir, o fazer e o criar música.

Se as dimensões do ouvir e do fazer música são relativamente pacíficas na operacionalização dos processos de ensino e aprendizagem, a dimensão do criar, para além de surgir com diferentes nomes, como por exemplo, improvisação, composição, experimentação ou criação, tem sido uma área sempre sacrificada, ou melhor, fatalmente ignorada nas práticas de sala de aula. Esse facto decorre de múltiplas razões que se podem atribuir a fatores intrínsecos ou extrínsecos aos professores, aos alunos, ao sistema globalmente, e no entanto, a montante destes motivos está a necessidade de uma abordagem conceptual, ou seja, de um racional que fundamente e esclareça esses conceitos no contexto em que os queremos aplicar.

Nesse sentido pretendemos contribuir para a reflexão do conceito de experimentação e criação musical nos processos de ensino e aprendizagem das crianças e jovens do ensino geral e compreender a sua relevância nesse processo. O que é a experimentação e criação musical e de que forma esta dimensão se tornou essencial para a aprendizagem musical? Para esta reflexão analisámos os conceitos de experimentação e criação plasmados nos documentos curriculares atuais para o ensino geral da música cruzando-os com as propostas pedagógicas apresentadas na plataforma digital Cantar Mais, como ponto de partida para compreendermos a centralidade da criação musical na educação musical das crianças e jovens.

Nota biográfica

Mestre em Ciências da Educação – especialização em orientação da aprendizagem pelo Instituto de Educação da Universidade Católica, tem o Curso de Formação Avançada do Doutoramento em Educação, na área de especialização em Formação de Professores do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, o CESE em Supervisão Pedagógica e Gestão da Formação pela Escola Superior de Educação de Lisboa e o Curso Geral de Canto e Composição da Escola de Música do Conservatório Nacional.

Professora de Educação Musical do Agrupamento Almeida Garrett onde exerceu diversos cargos de gestão pedagógica de 1990 a 2006. Formadora credenciada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua nas áreas e domínios de Educação Musical/ Música, Concepção e Organização de Projetos Educativos e Didáticas Específicas (Educação Musical/ Música).

Orientadora pedagógica e professora tutora nos cursos de formação inicial - variante de Educação Musical, a convite da Escola Superior de Educação de Lisboa entre 1991 e 2003. Tem diversas publicações em coautoria de livros escolares e de canções infantis.

É membro da Direção da APEM desde 2005 e Diretora do Centro de Formação da APEM desde 2009. Presidente da Direção da APEM desde 2016.

Membro do Conselho Científico do IAVE desde 2014. Conselheira do Conselho Nacional de Educação desde 2015.

Problemas da edição musical em Portugal

Tema

Criação de materiais e conteúdos: interdisciplinaridade, produção e edição

Orador

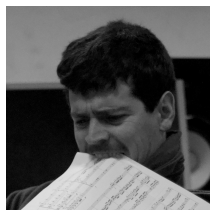
Nuno Fernandes

Resumo

Problemas na edição, divulgação e internacionalização dos nossos autores.

Nota biográfica

Licenciado em Instrumentista de Orquestra na Academia Nacional Superior de Orquestra na classe de Tuba, sob orientação do Prof. Sérgio Carolino. Colaborou com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Clássica da Madeira, Orquestra do Círculo Musical Português e com a Orquestra Sinfonia B. Entre 1998 e 2000 leccionou Tuba e Eufónio no Conservatório Regional do Algarve e na Escola Profissional de Évora.
Lecciona a classe de Tuba e Eufónio desde 1999 na Escola de Música Conservatório Nacional. É um dos três fundadores da AvA Musical Editions.

26.06.2019
11h30 > 13h00

Anticatacresofonia - Seminários Didáticos de Música Contemporânea

Tema

Projetos e abordagens teórico-práticos

Orador **Interferência José Tiago Baptista**

26.06.2019
14h30 > 16h30

Interferência

A INTERFERÊNCIA - Associação de Intervenção na Prática Artística, foi fundada em 2016, no Porto, por um grupo de jovens músicos: compositores, performers e pedagogos. Os seus principais objectivos direcionam-se para o desenvolvimento de projectos de criação de nova música, na estimulação da reflexão e pensamento crítico, de forma a criar um público mais eclético e exigente.

Até à data, a associação produziu espectáculos, palestras e seminários didácticos em espaços como Porta-Jazz, Café Concerto Francisco Beja [ESMAE], Auditório da FEUP, Fundação Escultor José Rodrigues, Teatro Municipal Sá de Miranda, e alguns Conservatórios, Academias e Escolas Profissionais de Música um pouco por todo o país. como Porto, Coimbra, Viana do Castelo, Portimão e Lagos.

A INTERFERÊNCIA encontra-se de momento a preparar trabalhos de criação interdisciplinar com vídeo, artes cénicas, dança e teatro. Paralelamente tem vindo a desenvolver os seminários didáticos sobre música contemporânea no âmbito do ensino especializado da música com o projecto Anticatacresofonia.

Resumo

Criatividade é o acto de criar, de dar à luz algo que faz parte de nós, que reclama a sua materialização. É um acto singelamente maternal, espiritual, divino, virgem, branco... e preto. É o contraste, é o ser, é o não ser, é a indefinição de tudo o que somos, o que fomos e sonhamos. São as consoantes mudas, e as vogais tagarelas sincronizadas numa lufada de ousadia. Criatividade é pintar uma tela vazia com todas as cores do mundo.

Aqui está a definição de criatividade. Querem ser criativos? Apre(e)ndam esta definição.

Aprender é o júbilo da descoberta, o acordar de todos os dias com vontade de dançar pelos verdejantes prados da sabedoria. É escalar as montanhas do conhecimento universal. É subir aos ombros de gigantes para conseguir ver mais longe. É a motivação que faz de nós pessoas melhores, mais sensíveis, mais capazes de superar os limites do ordinário. Aprender é absorver o néctar da vida, qual esponja sedenta de sabedoria! Aprendam!

...mas, como diria Murray Schafer:

"o primeiro passo prático, em qualquer reforma educacional, é dar o primeiro passo prático""

Anticatacresofonia tenta ser isso mesmo, (mais) um passo. Mais do que um acto isolado, pretende ser um reforço da necessidade de actualização do sistema de ensino artístico especializado; mais uma voz que evoca a necessidade de incorporar, na pedagógica musical, a música do séc. XX e XXI, tanto nas suas teorias, conceitos e técnicas composicionais, como na necessidade da componente prática como meio à assimilação teórica.

Nota biográfica

José Tiago Baptista nasceu em 1988 em Sandim, V. N. Gaia.

Em 2003 ingressa na Fundação Conservatório Regional de Gaia onde obtém bolsa de estudos por mérito. Mais tarde, em 2006, muda-se para Academia de Música de Espinho (AME) contactando, pela primeira vez, com a composição musical na classe do professor Jorge Prendas e, mais tarde, com o professor Nuno Peixoto.

Licencia-se em Educação Musical pela Escola Superior de Educação do Porto, em 2011. Termina, em 2014, o curso de Composição na Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo do Porto (ESMAE), estudando composição com Filipe Vieira e Eugénio Amorim.

Entre 2013/14, juntamente com Daniela Castro, Filipe Fernandes, Leonor Abrunheiro e Manuel Brásio, projetou os seminários ""Experiências Musicais Contemporâneas"" que pretendiam aproximar jovens músicos, escolas profissionais de música, academias e conservatórios, da nova música. Este projecto foi apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, ESMAE e AEsmae.

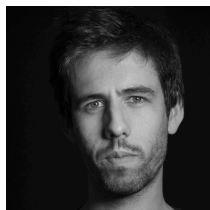
Em 2014 compôs, juntamente com Bruno Ferreira, Leonor Abrunheiro e Jorge Portela, uma ópera intitulada Auto da Índia, e estreada no FITEI - Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica.

Em 2015, juntamente com Nelson Nunes e Manuel Brásio, criou o "1º Seminário de Iniciação à Música Electroacústica de Lagos", realizando a segunda edição no ano seguinte.

Em 2017 finalizou o seu mestrado em Ensino da Música - Variante de Análise e Técnicas de Composição na Universidade de Aveiro, tendo como orientadora da sua tese a professora Sara Carvalho.

Presentemente, é professor de Teoria e Analise Musical na Academia de Música de Viana do Castelo e professor de Teoria e Análise Musical na ARTEAM - Escola Profissional Artística do Alto Minho e ARTAVE – Escola Profissional e Artística do Vale do Ave.

Em 2017 foi distinguido com o 1º prémio no 4º Concurso de composição para crianças da APEM.

É sócio fundador da Interferência - Associação de Intervenção na Prática Artística e actual membro da sua direcção.

Anticatacresofonia - Seminários Didáticos de Música Contemporânea

Tema
Projetos e abordagens teórico-práticos

Orador **Interferência**
Manuel Brásio

26.06.2019
14h30 > 16h30

Nota biográfica
Manuel Brásio nasceu a 1 Agosto de 1992 em Pere, Viana do Castelo, Portugal. Iniciou os seus estudos musicais aos 7 anos, na Escola de Música de Perre. Aos 13, ingressou na Escola Profissional de Música de Viana do Castelo, onde estudou contrabaixo com Sérgio Barbosa e Claudia Rodet. Paralelamente, iniciou aulas de percussão com Pedro Oliveira e Rui Rodrigues. Concluiu o curso de Percussão na classe do professor Jean-François Lézé, o qual termina em 2011. Durante os anos deste Curso de Instrumentista de Sopros e Percussão, frequentou igualmente aulas de bateria com Mário Costa e, posteriormente, com Michael Lauren. Ainda em 2011, ganhou o 1º Prémio no "3º Prémio de Composição Século XXI – Gustav Mahler" com ""I need to erase"" para vibrafone solo.
Em 2014, licenciou-se no Curso de Composição na Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo, tendo trabalhado com Filipe Vieira, Carlos Azevedo, Carlos Guedes, Daniel Moreira, Pedro Santos, Dimitris Andrikopoulos, Eugénio Amorim, Rui Penha e Fredrick Gifford. Teve ainda a oportunidade de contactar com o trabalho de vários compositores e musicólogos, como Robert Rowe, Bruce Pennycook, Filipe Lopes, Liviu Danceanu e Cândido Lima. Participou no projeto europeu IICS 2014 - Interdisciplinary Involvement and Community Spaces, que teve lugar em Izmir, Turquia.
Frequentou Masterclasses e Workshops com Adriano Aguiar, Jean-François Lézé, Matchume Zango, Rainer Seegers, Bruno Costa, Mário Costa, José Salgueiro, Hugo Danin, Emile Parisien, Hugo Carvalhais, Peter Evans e Marito Ma rques
Integrou alguns projetos musicais como VHS - Viana House Session, Marquês Jam Trio & Guests, e juntamente com Daniela Castro, Filipe Fernandes, Leonor Abrunheiro e José Tiago Baptista, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, no âmbito do projeto "Experiências Musicais Contemporâneas".
Terminou em Julho de 2016 o Mestrado em Multimédia – Música Interativa e Design de Som, na FEUP com a orientação de Rui Penha e Gilberto Bernardes.
Captou e fez sound design para ""Os Estrangeiros"" um documentário de Rita Al Cunha;
Escreveu ""Bom dia Sophia"" para oboé solo, uma encomenda da RTP/ANTENA2 para o Prémio Jovens Músicos 2018.
Neste momento desenvolve trabalho como compositor, sound designer e percussionista freelancer para concerto, teatro, cinema, dança e multimédia. Coordena projetos associativos de intervenção artística como a AISCA (Associação de Intervenção Social e Artística) – de Viana do Castelo e Interferência (Associação de Intervenção na Prática Artística) – do Porto. Colabora com a Fab Lab Porto e integra a equipa de trabalho da Digitópia/Casa da Música. Colabora frequentemente com companhias de teatro como a Panmixia, Teatro do Montemuro, Krisálida e Teatro e Marionetas de Mandrágora.
Desde Novembro 2018, encontra em digressão nacional com SUPRAHUMAN, um espetáculo multimédia de sua autoria, com produção da Interferência e o apoio do Centro Nacional de Cultura, IPDJ e Direcção Geral das Artes.
+ Info: www.manuelbrasio.xyz

Estratégias lúdicas para contactar com repertório e seus conceitos - Nem Ata, Nem Dançata

Tema

Projetos e abordagens teórico-práticos

Orador

Nuno Peixoto de Pinho

26.06.2019
14h30 > 16h30

Resumo

Sofia e Nuno trabalham juntos desde 2014 e ambos contam com mais de uma década de experiência na criação e realização de oficinas musicais.

Estas oficinas são destinadas a um público alvo bastante heterogéneo, que pode ir desde bebés com 3 meses de idade, até aos mais crescidos, incluindo também participantes com necessidades especiais.

"Nem Ata, Nem Dançata" é uma oficina musical desenvolvida por esta equipa e que esteve em residência na Casa da Música entre 2016-2018. Sempre com lotação esgotada, esta oficina foi pretexto para , de uma forma lúdica, fazer chegar aos participantes repertório erudito, timbres instrumentais pouco habituais e acessíveis, bem como conceitos musicais.

Nesta oficina, dois personagens contrastantes (a bailarina Filipa Tulipa e o Dj Rondó), aparentemente em oposição de estilos e épocas, são os responsáveis por proporcionar aos participantes um conjunto de abordagens teórico-práticas inesperadas.

Os fatores que se seguem revelam as concretizações desta oficina que queremos enfatizar:

1.Curiosidade: Os professores querem saber quais as peças interpretadas no encontro para contactarem novamente com as mesmas no contexto da sala de aula;

2.Conhecimento: O interesse por parte dos alunos em contactar com instrumentos pouco vulgares (Cravo) e costumes antigos (danças da época barroca);

3.Continuidade: Uma grande parte dos professores regressaram no ano seguinte com turmas diferentes.

Nota biográfica

Nuno Peixoto de Pinho é compositor, professor, animador musical e investigador. Atualmente é Professor Assistente Convidado na ESMAE, no departamento de música, na área da composição. É também Professor Assistente Convidado na ESE (Porto), no mestrado em Ensino de Educação Musical e Formação Musical. Ao nível do Ensino Secundário é Professor na Escola Profissional de Música de Espinho, Academia de Música de Espinho, Academia de Música de Santa Maria da Feira e Academia de Música José Atalaya. Exerce ainda funções como membro do Factor E! do Serviço Educativo da Casa da Música do Porto e é co-fundador do projecto Raízes.

Estratégias lúdicas para contactar com repertório e seus conceitos - Nem Ata, Nem Dançata

Tema

Projetos e abordagens teórico-práticos

Oradora

Sofia Nereida

Nota biográfica

Sofia Nereida é mulher, mãe e música. A sua actividade vai desde o ser cravista (Ensemble Ars Iberica 2018; Duo Abrazuver 2016; Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música (CdM) 2015; Orquestra Factor E! 2015; La Follia, Cozenza, Itália 2013; Officina da Música Portugal e Holanda 2008; Orquestra Barroca Casa da Música 2008), professora (Conservatório de Música do Porto desde 2012; ESMAE 2008/2012), criadora de espectáculos de Serviço Educativo (Musicália CdM 2018; Príncipe Des'Orientado CdM 2014; Viva, Vivaldi! CdM 2013; O que é a Música Antiga? CdM 2012); criadora de workshops de música para crianças (Pataxó Mi Ré Dó com Nuno Peixoto de Pinho, CdM 2018; Mini Mozart com António Miguel, CdM 2017; Nem Ata nem Dançata com Nuno Peixoto de Pinho, CdM 2016; Na Ponta dos Dedos com António Miguel, CdM 2015; Árvore Menina com António Miguel 2016; Eu e os Sons, São Tomé e Príncipe, 2016), e de música para teatro infantil (Opostos Bem Dispostos; Uma Família é uma Família), animadora musical (Festival dos Canais, Aveiro 2016; Guimarães Capital da Cultura 2012) e amante de músicas do Mundo (Torcido 2017; A Presença das Formigas 2012; Duo no Dedo 2011; Ela Uma Vez... 2010). Criou, em parceria com Rasmus Forman, workshops de artes e mindfulness (Porto, Vila do Conde, Espinho e Braga). Fez a apresentação de concertos da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música (Maia Symphonic 2018) e da Orquestra Barroca Casa da Música (Concertos na Avenida, Porto, e Aqva Música, São Pedro do Sul).

Em 2019, Sofia Nereida continua a trabalhar no Conservatório de Música do Porto como professora e acompanhadora ao cravo, e na Casa da Música como co-líder de espectáculos e workshops. Para além da sua formação enquanto cravista (Licenciatura ESMAE 2008 e Mestrado em Ensino ESML 2015), toca acordeão como auto-didacta. Paralelamente à actividade musical, Sofia Nereida gosta de viajar e cozinhar, dançar e meditar.

26.06.2019
14h30 > 16h30

Mais Nova Música: ensino, composição e prática performativa

Chamada de Trabalhos

Oradora
Margarida Neves

26.06.2019
17h00 > 18h30

Resumo
Esta comunicação propõe-se a colocar em evidência a importância de pensar e agir sobre os conteúdos programáticos no ensino especializado da música em Portugal, particularmente em relação à prática performativa da mais nova música. Actualmente, existam embora algumas iniciativas nacionais que promovem uma articulação entre a música escrita desde meados do século XX e o ensino da sua prática performativa, o acontecimento desta mais nova música é deixado, digamos assim, para os especialistas. Há muitas razões para que tal aconteça. Desde logo a exigência na leitura e na realização técnica de muitas composições, desadequada a um ensino que se sustenta na demorada e paulatina aquisição de competências por parte dos alunos, futuros músicos profissionais.
Porque é, então, urgente pensar e agir sobre os conteúdos programáticos do ensino especializado da música em Portugal? A hipótese que coloco é a de uma desadequação entre a música escrita desde os anos 1950 e a sua prática performativa. Uma desadequação que se construiu ao longo do século XX e que é pelos músicos de hoje herdada na sua aprendizagem formal. É a esta prática, que não responde às exigências da composição, que o musicólogo Bruce Haynes dá o nome de Strait Style. Trata-se de uma prática aprisionada pelos constrangimentos formais da leitura e da realização da partitura, flagrantes na prática da mais nova música pelo facto de esta não se sustentar no chamado canon tonal que preenche grande parte da formação dos músicos.
Para uma prática performativa da mais nova música que responda às exigências da composição há, por isso, que garantir-lhe um sustento que não tem ainda na formação de músicos em Portugal, sobretudo no ensino especializado da música nos níveis básico e secundário. A aproximação entre as disciplinas de Composição e de Instrumento nos programas dos conservatórios será crucial para colmatar a rarefação de composições que se enquadrem na exigência técnica prevista para cada ciclo de estudos.

Nota biográfica
Margarida Neves é doutoranda em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob orientação do Prof. Doutor Mário Santiago de Carvalho (FLUC) e co- orientação do Prof. Doutor Jorge Salgado Correia (DeCA - UA). A sua investigação é dedicada à interpretação musical performativa da partitura, centrando-se particularmente na música escrita no pós 2a guerra. É professora de flauta transversal no ensino especializado da música desde 2008. É licenciada em Música pela Universidade de Aveiro, Mestre em Ensino de Música pela Universidade de Aveiro e licenciada em Estudos Artísticos com Menor em Filosofia pela Universidade de Coimbra.

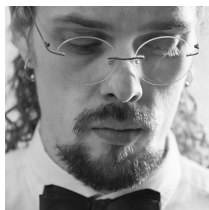
Ensino Artístico Especializado da Música: Avaliação da Pertinência de uma Possível Reestruturação

Chamada de Trabalhos

Oradora
Marta Moreira

26.06.2019
17h00 > 18h30

Resumo
No Ensino Artístico Especializado (EAE) da Música a precariedade das condições laborais e a instabilidade dos contextos educativos são fatores que dificultam o trabalho que se desenvolve nestes estabelecimentos de ensino. Este projeto de investigação, desenvolvido na âmbito da conclusão de um mestrado em Ensino da Música (ESMAE | IPP), procurou perceber quais são os problemas estruturais que afetam este subsistema focando-se na seguinte questão de investigação, considerando três aspetos: como está organizado o EAE da Música, como potencia/prejudica essa organização a concretização dos objetivos a que se propõe e se prejudica, será pertinente pensar-se num modelo de reestruturação? Através de um estudo comparativo, visando perceber tanto a evolução do EAE da Música ao longo das últimas décadas, como a sua concretização nos modelos público e privado de ensino, diagnosticaram-se algumas lacunas sistémicas e discrepâncias. A revisão bibliográfica de vários relatórios de avaliação do ensino artístico, revela que não está a ser dada uma resposta eficaz a estas problemáticas. Foi diagnosticado que a ausência de uma finalidade definida para este ensino prejudica, quer a sua implementação, quer o trabalho desenvolvido. Assumiu-se, assim, relevante consolidar algumas sugestões de reestruturação, apresentando um modelo que comporte tanto a vertente genérica como a especializada, em que a música abranja a totalidade da escolaridade obrigatória. No decurso desta investigação, tornou-se evidente que o Conservatório desempenhou uma função muito clara de formar músicos, mas que já não é a mesma atualmente, nem para todas as escolas que compõem a sua rede. Neste artigo são apresentados os resultados da investigação desenvolvida, consolidando, através de uma reflexão crítica, algumas sugestões de reestruturação do EAE da Música.

Nota biográfica
Formada na ESMAE | IPP, sob orientação do pianista Constantin Sandu, é mestre em Ensino da Música (2017) e licenciada em Performance, variante Piano (2013).
Numa década de experiência na docência, formou já vários alunos laureados em concursos nacionais e foi co-criadora de vários espectáculos transdisciplinares, nas diferentes instituições de ensino que integrou.
A sua atividade artística atravessa vários domínios, focando-se na descoberta permanente.
Desenvolveu bastante atividade concertista, quer a solo, quer ao nível da Música de Câmara, nomeadamente com o Trio Animato e com o Ensemble Vocal de Freamunde.
Colaborou com a Jangada Teatro, na digressão do espectáculo “Os Filhos do Esfolador” (2009) e integrou “Humanário” (2018), uma produção de Rui Horta para o GUIDANCE – Festival Internacional de Dança Contemporânea, para além de outras colaborações pontuais (destacando-se o Teatro Anémico).
Em 2013 colaborou com a DaCapo – Revista Musical, com o projecto Crónicas de uma Professora Menina.
Integra actualmente o BJAZZ Choir e é professora no CVS e no PALLCo - Performing Arts School & Conservatory (onde assume funções de coordenação pedagógica). Tutela desde 2015 o blog Pimenta na Língua, projeto de crónica de opinião, publicado pela primeira vez na Revista RUA (2019).

O ensino de composição e o despertar da criatividade: reflexões sobre princípios e conceitos partilhados

Chamada de Trabalhos

Orador
Túlio Augusto

26.06.2019
17h00 > 18h30

Resumo
Fazer música é conversar. "Diálogos são desafios composicionais. (...) Formam a base de uma espécie de racionalidade (Lima 2014, p.219)". Este trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado em Ensino de Análise e Técnicas de Composição e lança mão do processo composicional em sua forma essencial: ferramenta para o despertar criativo e consciência do uso de elementos e intenções.
O ensino ATC nos remete a uma necessidade: refletir sobre princípios e conceitos partilhados - professores e alunos, diretamente. Quem estuda torna-se também objetos de estudo, deixando-se integrar no processo de aprendizagem como elementos do mesmo. Segundo França (2002, p. 8), o processo composicional mostra-se como algo essencial, independente de sua complexidade, contexto ou estilo, por ser o caminho pelo qual se concebe uma obra musical. Se a composição musical é ponto de origem de onde toda e qualquer obra sonora é gerada, podemos tratá-la como uma espécie de alicerce, base da música. Essa visão de criação musical leva-nos a concluir que a prática composicional não só é fundamental na educação musical como é ao mesmo tempo método e objetivo. Para França e Swanwick (2002), a composição pode ser considerada como um pilar da educação musical, entendendo-a como processo ou produto.
São apresentados questionamentos que acompanham os alunos como forma de incentivar a busca criativa e construção de condição musical mais ativa. É posta em prática o foco numa formação mais completa e coesa sobre o fazer musical. Logo, sem distinções compositor e estudante, o aluno pode se sentir mais à vontade para exprimir ideias sem o peso da rotulação. A composição, além de ferramenta para o autoconhecimento e avaliação, auxilia no percurso de aprendizagem musical como referência do crescimento individual do aluno. É preciso compreender tudo o que está à volta e "experimentar ideias, considerando que a principal característica da experiência artística é a criatividade" (Mateiro, 2011, p. 259). "A compreensão musical efetua-se mediante a experiência ativa, tanto através da execução como da composição". (Paynter 1977, p. 263).

Nota biográfica
Túlio Augusto é compositor, professor e performer. Graduado em Composição e Regência pela Universidade Federal da Bahia (Brasil), mestre em Composição Musical pela Universidade de Aveiro (Portugal), mestre em Ensino de Música (Análise e Técnicas de Composição) pela Universidade de Aveiro e doutorando na Universidade de Aveiro. É professor nos conservatórios de Seia e Castelo Branco e leciona as disciplinas Análise e Técnicas de Composição, História da Música, e Tecnologias e Física na Música. Túlio participa ativamente nos âmbitosda música erudita e popular, tendo atuado e/ou tido seu trabalho apresentado em diversos países.

Conferência

Para além do formalismo: propostas para o ensino da Análise no ensino superior

Keynote

Daniel Moreira

27.06.2019
10h00 > 11h00

Resumo

Enquanto disciplina predominantemente formalista, a Análise esteve, nas duas décadas finais do séc. XX, sob ataque da chamada Nova Musicologia, que acusou a Análise de ser "uma disciplina autista", produzindo textos desligados do contexto cultural mais vasto em que a música se insere. Se alguns analistas responderam em acérrima defesa da autonomia do discurso formalista, outros procuraram desenvolver estratégias que combinassem formalismo e representacionalismo, ligando as características estruturais da música a significados culturais mais vastos. Entre elas se encontram a teoria dos tópicos (que associa figuras musicais específicas a unidades culturais como os tópicos militar ou pastoral); a teoria da narrativa); perspectivas analíticas sobre a temporalidade musical; e várias formas de análise de música em interacção com outros meios (como texto, cinema ou dança).
Embora cada vez mais se encontrem tais perspectivas em publicações e conferências da área, elas ainda não chegaram propriamente ao ensino, onde a Análise continua a ser abordada de modo quase estritamente formalista.
O objectivo desta apresentação é, nesse contexto, propor — a título exploratório — um conjunto de metodologias que combinem formalismo e representacionalismo no âmbito do ensino da Análise no ensino superior. A intenção não é "aligeirar" ou simplificar a componente formalista — sem ela, a Análise seria apenas "prosa elegante sobre nada" — mas complementá-la com uma abordagem explícita e rigorosa do conteúdo "extra-musical". Assim se espera promover uma relação mais próxima da Análise não só com a História da Música, mas também com a própria composição e performance, para cujos praticantes é fundamental ter consciência do conteúdo emocional, dramático e cultural da música e perceber de que forma este se manifesta através da linguagem técnica e abstracta da música.

Nota biográfica

Daniel Moreira é doutorado (PhD) em Composição Musical (King's College London, 2017), com bolsa da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT); mestre em Composição e Teoria Musical (Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, Instituto Politécnico do Porto, 2010) e licenciado em Economia (Faculdade de Economia, Universidade do Porto, 2006).
Como principais professores, destacam-se Sir George Benjamin, Fernando Lapa e Dimitris Andrikopoulos (composição); Carlos Guedes (música electrónica); Miguel Ribeiro-Pereira, José Oliveira Martins e Silvina Milstein (teoria e análise).
A sua música abarca múltiplos géneros — da música orquestral à de câmara —, com uma especial ênfase, mais recentemente: em música coral (Poema para a Padeira, 2013, European Concert Hall Organisation; Do Desconcerto do Mundo, 2016, Casa da Música); ópera (Cai uma Rosa..., 2015, Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa; Ninguém & Todo-o-Mundo: ópera lírico-turística em torno de Gil Vicente, 2018, Programa Criatório); música para filme (Porto, Sinfonia Fluvial, 2017, Papaveronoir Films); e música instrumental de ensemble (Beethoven quasi una fantasia op. 27 nº2, 2018, Kölner Philarmonie).
Como teórico e analista, apresentou o seu trabalho — centrado em aspectos de harmonia e temporalidade na música do século XX (tanto de concerto como de filme) — nas conferências EuroMAC (Leuven, 2014; Estrasburgo, 2017), KeeleMAC (Keele, 2015), CIATM (Rimini, 2016 e 2017) e Journées d'Analyse Musicale (Aix-en-Provence, 2018), entre outras. Parte desse trabalho encontra-se publicado na Revista Portuguesa de Musicologia (2016).
É professor de composição, análise, estética e unidades curriculares afins (ESMAE-IPP; 2009—; Universidade do Minho, 2017—) e investigador integrado em Teoria das Artes (CITAR/Universidade Católica; 2018—).

A Disciplina de Classe de Conjunto nos Conservatórios: uma visão sobre a direção

Tema

Articulação de Análise e Composição com outras disciplinas

Orador

Gonçalo Lourenço

27.06.2019
11h30 > 13h00

Resumo

A falta de formação específica – teórica e prática – contribui para que a disciplina de classe de conjunto seja subaproveitada: demora-se demasiado tempo na montagem das peças, os programas são pouco inovadores, ficando por abordar aspetos musicais essenciais – fusão de som, timbre, interpretação, articulação…

Os nossos conservatórios não têm a direção – coral ou instrumental – como disciplina obrigatória nos seus currículos. Assim, os alunos que pretendam seguir esta área chegam ao ensino superior com poucos conhecimentos – teóricos e práticos – e com pouca ou nenhuma experiência prática.

Por outro lado, os licenciados em Formação Musical podem não ter adquirido as aptidões e competências necessárias para orientar uma disciplina de classe de conjunto – coro, orquestra ou ensemble – durante a licenciatura. Dada a diversidade dos currículos das licenciaturas, nem todas as universidades e politécnicos estão suficientemente focadas na disciplina de direção.

Assim, os recém-licenciados que têm de encarar várias turmas de Coro e/ou de Orquestra, sem terem passado pela experiência de orientar um ensaio, falar com alunos ou encarregados de educação e sem terem tido oportunidade de desenvolver a técnica de direção ou a técnica vocal (os alunos com o mestrado em direção serão a exceção). Noutras situações, por falta de recursos, a disciplina de classe de conjunto é assegurada por professores de instrumento ou de canto.

Uma estratégia eficaz para melhorar a formação dos futuros professores de coro e/ou orquestra seria uma primeira aproximação à direção ainda no conservatório.

Nota biográfica

Nasceu em Lisboa em 1979. Bacharel em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa, em 2005, onde trabalhou com o Professor Christopher Bochmann. Mestre em Direção Coral pelo College Conservatory of Music, em Cincinnatti nos EUA, em 2011, onde trabalhou com os Professores Brad Scott, Elmer Thomas e Earl Rivers. Na Universidade de Cincinnati, trabalhou, enquanto" Minor de Direcção de Orquestra", com o Maestro Mark Gibson. Doutorado, em Direção Coral na Universidade de Indiana, em 2016, onde trabalhou com os professores Robert Porco, Carmen Téllez, Willliam Gray e Sven-David Sandstrom. Estreou peças no estrangeiro, mais especificamente em Bloomington, USA, com a Oratória "From the Ashes" para orquestra, coro, solistas e declamador, no âmbito da sua dissertação de doutoramento na Universidade de Indiana. Em Portugal a sua música é efectuada por diversos coros de renome como o Coro Ricercare, Coro Odyssea e Coro Anonymus. O coro Emotion Voices encomendou "Alma Queimada, Pequeno Requiem para as vítimas dos fogos de 2017", que estreou em Abril de 2019.

Aprender música através da composição: falando sobre alguns porquês e para quês

Tema

Articulação de Análise e Composição com outras disciplinas

Oradora

Helena Caspurro

27.06.2019
11h30 > 13h00

Resumo

Evidências de natureza epistemológica e cultural consensualmente assumidas justificam a Composição enquanto domínio curricular de sistemas de ensino artístico e de educação musical. Independentemente do quadro conceptual, estético, metodológico ou ideológico através do qual são definidos programas tendo em vista a formação de indivíduos especializados, cada vez mais, hoje (confirmando, aliás, o que precocemente é ensinado até pela própria história da música ocidental), se reflete sobre o papel que a composição pode ter, enquanto metodologia de pensamento, no desenvolvimento mais amplo de processos de aprender música. Ou seja, sobre o que pensar criativamente pode representar enquanto meio e resultado de relacionar, expandir e diversificar aprendizagens, mormente em áreas curriculares onde aquela competência não é, pelo menos na contemporaneidade, considerada pertencer, nem tão-pouco poder ser prescrita. A ideia de que há diferentes modos de aprender e interpretar o mundo e a música, que afetam ou determinam, igualmente, a qualidade ou natureza do conhecimento, nomeadamente o que (não) sabemos – sobre o mundo, sobre música; ou como (não) sabemos – o que somos ou não capazes de ouvir, memorizar, compreender, executar, ler ou até mesmo construir, criar… – não é assunto novo na reflexão didática. Por que razão, ajudar a pensar criativamente na aula de Formação Musical, Instrumento ou Classe de Conjunto pode interferir no que sabemos e como compreendemos? O que caracteriza do ponto de vista cognitivo, social, curricular e didático tal atividade? Para que serve ao instrumentista compor, o que lhe acrescenta? O que significa para nós, professores, (não) refletir, hoje, sobre isto?

Nota biográfica

Helena Caspurro é Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro, investigadora do INET-md e colaboradora do CESEM, leccionando as disciplinas de Didática da Música no Mestrado em Ensino de Música. Pianista, cantautora num género jazzístico e de fusão, editou três CDs de originais, Mulher Avestruz (2003), Colapsopira (2009) e Paluí (2013), o último dos quais constituindo a génese de projetos educativos, multidisciplinares, artísticos e de música na comunidade que concretizou com alunos da UA, centenas de crianças das escolas de EB de Santa Maria da Feira, bem como, ainda em curso, utentes do Hospital Psiquiátrico Magalhães Lemos do Porto.

Autonomia, Transversalidade, Criatividade

Tema
Articulação de Análise e Composição com outras disciplinas

Orador
Pedro Santos

27.06.2019
11h30 > 13h00

Resumo
Autonomia, transdisciplinaridade e criatividade são três competências essenciais no processo de ensino-aprendizagem que pretende ir ao encontro do "paradigma educacional emergente". Referimo-nos à autonomia do professor na gestão do processo pedagógico, mas simultaneamente à autonomia do aluno na participação e influência nesse mesmo processo. A transdisciplinaridade é tida como meio que promove a aprendizagem de "realidades complexas" e sendo a prática musical uma realidade complexa por excelência, as estratégias transdisciplinares merecem a devida atenção e implementação na sua pedagogia. A criatividade é uma qualidade que se nutre a partir de referências, matérias-primas e ingredientes que são apreendidos e consequentemente transformados, moldados de uma forma pessoal. Perante isto, qual é o papel da disciplina de A.T.C.? E que desafios se colocam ao professor de A.T.C.? Apesar de pertencer à componente científica, a natureza prática desta disciplina faz dela uma área técnica capaz de dialogar e interagir com as restantes disciplinas do Ensino Artístico Especializado de Música. Autonomia, transdisciplinaridade e criatividade exigem uma constante atitude de abertura, de reflexão, de experimentação, de risco e de comunicação. Não havendo receitas ou modelos infalíveis, devem ser definidas estratégias pedagógicas promotoras destes elementos, dialogando necessariamente com o projeto educativo da escola, com o grupo disciplinar e com a comunidade educativa. Assim cabe ao professor desenvolver uma perspetiva integradora das diversas componentes curriculares, esbatendo fronteiras, articulando conteúdos e competências diversificados que fomentem o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. Aqui apresentaremos um conjunto de estratégias que consideramos pertinentes para o desenvolvimento destas competências e qualidades.

Nota biográfica
Pedro M. Santos é mestre em Composição (Conservatório Real de Haia, 2005) e licenciado em Composição (Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, 2002). Desde 1996 lecionou em diversas escolas do ensino artístico especializado e profissional de música, tendo também desempenhado funções de coordenação pedagógica. Atualmente é professor de Análise e Técnicas de Composição na Escola Artística do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro e colabora como Professor Assistente Convidado na Licenciatura em Composição da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto.
Como compositor criou obras para formações vocais e instrumentais diversas, destacando-se: "Três Cantigas de Arouca" para coro à capela (disco Despiques, Coro de Câmara de S. João da Madeira, 2008), "Tríptico" para orquestra sinfónica (Academia de Música de Viana do Castelo, 2009), "O sonho do Arlequim" para ensemble instrumental (Cistermúsica, 2011), "Sketch Fragment" para quarteto de cordas (Harmos Festival, 2017), "Canção dos macacos de imitação" para coro infantil e piano (Musichildren'17), "Três Peças Outonais" para piano solo ("Repertório para Pianistas - Compositores Portugueses", AvA Musical Editions, 2018) e "Num meio-dia de fim de Primavera", para coro e orquestra de sopros (Ano Municipal da Criança do município de Lousada, 2018). Participou igualmente em projetos multidisciplinares destacando-se a sua colaboração como compositor no espetáculo "Kinski" do Ensemble Portingaloise (Cycle Danses Abritées #2 - La Pépinière baroque de Béatrice Massin, 2017).
Como investigador publicou textos científicos sobre repertório contemporâneo para coro infantil, destacando-se o capítulo "The interaction choir-orchestra in Ljus av ljus by Karin Rehnqvist" no livro Choral Singing: Histories and Practices (Cambridge Scholars Publishing, 2014).

Composição e Análise Musical: as políticas públicas e a criatividade

Tema

Organização curricular e política educativa no Ensino Artístico Especializado da Música

Orador

António Ângelo Vasconcelos

27.06.2019
14h30 > 16h30

Resumo

As políticas públicas no contexto da sociedade portuguesa, e no quadro da Composição e da Análise e Técnicas, podem ser caracterizadas, nos últimos 40 anos, por três OU 4 aspetos principais. Um, pela centração na dimensão científica e técnica como elemento estratégico e subsidiário da compreensão musical e da aprendizagem de um instrumento. Um outro, resultante do trabalho de um conjunto de docentes, procura de diferentes modos contribuir para um tipo de formação artística e musical mais compreensiva e criativa, criando projetos composicionais e/ou interligando a análise e técnicas com outras áreas, e que, de algum modo, esteve na origem da criação de um curso de composição no ensino secundário. Por último, uma outra caraterística que remete para a ausência de uma estratégia política e formativa assente na experimentação, na imaginação, na criatividade como uma das dimensões centrais na construção de uma personalidade artística e dialógica.

Estes três tipos de características, dimensão técnica e completar na aprendizagem do instrumento, o papel dos docentes e escolas na procura de outros caminhos e a ausência, que se cruzam nas diferentes práticas políticas centrais e escolares, interpelam o pensar e o agir político e formativo no contexto de uma formação artístico-musical que contribua para o aprofundamento da democracia, do conhecimento e da vivência numa diversidade de mundos.

Neste contexto, esta intervenção, partindo de uma análise sucinta e crítica das políticas públicas nesta componente do ensino especializado de música, procura defender a ideia da composição como um espaço e laboratório, que transcenda o "fechamento" e o atomismo disciplinar, e em torno do qual se alicerça a formação artístico-musical em que a centralidade está no aprender a lidar com a complexidade, a imprevisibilidade e a criatividade através de caminhos não lineares e em diálogo com a técnica, a poética e a ética, com a diversidade de saberes e dos mundos reais e imaginários, com o que não se conhece.

Nota biográfica

Estudou música no Conservatório de Música de Calouste Gulbenkian de Aveiro, licenciou-se em Ciências Musicais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e doutorou-se em Educação pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa com a tese intitulada "Educação artístico-musical: cenas, atores e políticas". Sob o ponto de vista científico tem organizado e participado em diferentes encontros, congressos e seminários, nacionais e internacionais, em domínios diferenciados do ensino de música, da formação de professores, das artes, da educação, da cultura e das políticas públicas, tendo diversos trabalhos publicados. Profissionalmente trabalhou como professor de música em vários níveis e tipologias de ensino, desempenhou funções como técnico no Ministério da Educação, foi Diretor de uma Escola profissional de Música, Presidente da Associação Portuguesa de Educação Musical e coordenador do Projeto "Outras Bandas – Instrumentos de Inclusão", promovido pela Câmara Municipal de Almada. Presentemente é Professor-Adjunto no Departamento de Artes da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal e membro dos centros de investigação CIPEM-INET-md e do CIEF-IPS.

O ensino de Música pelo olhar das Técnicas de Composição - Reflexões sobre caminhos percorridos e sonhos.

Tema

Organização curricular e política educativa no Ensino Artístico Especializado da Música

Orador

Eugénio Amorim

27.06.2019
14h30 > 16h30

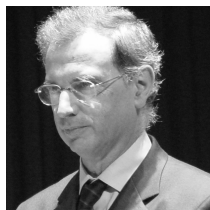
Nota biográfica

Eugénio Amorim concluiu os Cursos Superiores de Piano e Composição no Conservatório de Música do Porto e posteriormente o Bacharelato em Direção de Orquestra e a Licenciatura em Música Sacra na Escola Superior de Música de Würzburg (Alemanha).

Maestro do Coro da Sé Catedral do Porto de 1994 a 2010. Para além da atividade musical da Catedral, dirigiu cerca de 200 concertos em Portugal, Inglaterra e Alemanha e promoveu a edição de dois CD's com música portuguesa.

A sua atividade estende-se à composição musical de que destacam obras mais recentes como Diptyque - Hommage à Vierne para Órgão solo, apresentada na Catedral de Notre Dame em Paris, Em teu ventre para coro a capella a8 e electrónica, estreada em Fátima, no âmbito da Celebração do Centenário das Aparições de Nossa Senhora.

É doutorado em Musicologia pela Universidade Católica Portuguesa com uma tese intitulada "Prática composicional na música sacra em Portugal na primeira metade do século XVIII – Estudo e edição da obra de João Rodrigues Esteves", prosseguindo a sua atividade de investigação no CECH – Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra.

Foi membro da Comissão Instaladora da Escola das Artes da Universidade Católica, onde lecionou desde a sua fundação até 2003, prosseguindo desde então a sua atividade docente no Curso de Composição da Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto, onde é atualmente coordenador do mestrado.

A Análise Musical na Organização Curricular dos Cursos Profissionais de Música - 30 anos de experiência.

Tema

Organização curricular e política educativa no Ensino Artístico Especializado da Música

Orador

José Alexandre Reis

Resumo

Na comunicação é feita uma retrospetiva da evolução da contextualização da Análise Musical nos Cursos Profissionais, orientados para a formação de Instrumentistas de Cordas e de Sopro.

A nível curricular os cursos profissionais desenvolveram elementos diferenciadores dos restantes cursos especializados da música, na conceção, nos conteúdos e nos objetivos. Observados os paradigmas exigidos para o ensino profissional pela tutela, são expostas as opções tomadas no âmbito dos Cursos de Música, nas diversas revisões legislativas,

As atuais orientações do Ministério da Educação relativas ao ensino profissional proporcionam, temporalmente, o desenvolvimento de alguns ajustes curriculares, nomeadamente no domínio da Análise Musical, cujo programa, a cargo da APROARTE- Associação Nacional do Ensino Profissional de Música e Artes, é exposto e discutido.

Nota biográfica

Dirige o complexo de ensino da música constituído pelo Centro de Cultura Musical -Conservatório Regional de Música e a Artave - Escola Profissional Artística do Vale do Ave, esta última desde a sua fundação, tendo sido o responsável pela elaboração do projeto desta escola, em 1989, que serviu de referência para os Cursos Profissionais de Música (Instrumentista). Tem colaborado com o Ministério da Educação nas sucessivas revisões curriculares do ensino especializado/ profissional da música.

Integra e dirige várias associações, nomeadamente a APROARTE – Associação Nacional do Ensino Profissional de Música e Artes.

Possui o Curso Superior de Piano, o Mestrado em Ciências Musicais, sendo profissionalizado para o Ensino Genérico e para o Ensino Especializado.

27.06.2019
14h30 > 16h30

A.T.C. - O lugar da alquimia

Tema

Organização curricular e política educativa no Ensino Artístico Especializado da Música

Orador

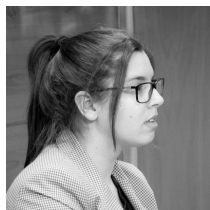
Manuel Rocha

27.06.2019
14h30 > 16h30

Resumo

Irei falar sobre a minha experiência na direção de uma escola, em que me foi dado observar a importância da disciplina de ATC no despertar da “”consciência musical”” dos alunos. Falarei do mito da “”criatividade””, que considero não ser mais do que um exercício sobre o “”conhecido”” ampliando-o. Abordarei os equívocos da disciplina de “”Formação Musical””, quando abordada na perspetiva de disciplina “”teórica””, desligada do objeto musical (e, no contexto que me é conhecido, funcionando de costas voltadas para o trabalho realizado em ATC). Falarei ainda da importância (e a visibilidade) que a ATC foi assumindo no momento em que os seus alunos começaram a escrever para que os seus colegas executassem o que era composto. Referirei a necessidade de converter os planos de estudo em estruturas de articulação de saberes. E sublinharei a importância de as escolas artísticas serem lugares de passagem de artistas (no caso, compositores), não a favor da tão celebrada (e patética) criação de modelos mas, pelo contrário, cumprindo o objetivo de proporcionar acesso ao conhecimento. Finalmente, abordarei a questão da Música enquanto produto da inteligência civilizacional num mundo crescentemente condicionado pelos valores do “”sucesso”” mercantilista.

Nota biográfica

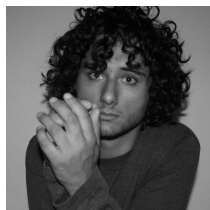
Manuel Rocha nasceu em Coimbra, em 1962. Entre 1982 e 1988 estudou em Moscovo, no Instituto Gnessin, onde se licenciou como professor de violino e músico de orquestra sendo, desde 1988, professor de violino no Conservatório de Música de Coimbra (tendo ali exercido funções de director entre 2005 e 2017). Realizou trabalhos como músico, sobretudo em música popular, com nomes como Brigada Victor Jara (que integra desde 1977), Adriano Correia de Oliveira, Manuel Freire, Fausto, Vitorino, José Medeiros, Mísia, Filipa Pais, Carlos do Carmo, entre muitos outros. Paralelamente, realizou trabalhos diversos, em diferentes áreas, de que destaca a série de documentários para a RTP sobre a música e (alguns) músicos populares portugueses, realizados a partir da série de Michel Giacometti e Alfredo Tropa “”Povo que Canta””, tendo colaborado, como músico, presencialmente ou em fonogramas, com grupos de teatro e participando em bandas sonoras para cinema e televisão. Integrou dois grupos de trabalho do Ministério da Educação para a reforma do Ensino Artístico Especializado, o último dos quais viria a fundamentar a reforma curricular em vigor. Foi nomeado pelo Ministério da Cultura (2011) perito nacional no grupo de trabalho junto da Comissão Europeia responsável por definir “O papel das instituições artísticas e culturais na promoção de um melhor acesso e de uma participação mais ampla na cultura. Sinergias entre a cultura e a educação, especialmente educação artística”. Integra atualmente, por indicação do Ministério da Educação, a Comissão Executiva do Projeto Meridiano, responsável pela criação de uma plataforma digital de divulgação da Música Portuguesa e a Comissão Administrativa Provisória (instaladora) do Conservatório de Música de Loulé. É dirigente sindical e membro da Assembleia Municipal de Coimbra.

Análise Musical como ferramenta para o desenvolvimento instrumental: contribuições de 2 estudos de caso

Chamada de Trabalhos

Oradora
Inês Vieira

27.06.2019
17h00 > 18h30

Resumo
Contexto: A relação entre a análise e a performance tem vindo ao longo de tempo a ganhar interesse por parte da comunidade científica. Este tema é cientificamente controverso, existindo grande disparidade de opiniões no que toca a correntes teóricas defendidas (Berry, 1988; Cook, 1999; Dunsby, 1989; Kerman, 1980; Narmour, 1989; Rink, 2002). Contudo, tal discussão baseia-se quase exclusivamente em perspetivas puramente teóricas, em detrimento de perspetivas práticas, nomeadamente no âmbito da educação musical.
Objetivos: O presente estudo foi desenvolvido no sentido de determinar até que ponto a utilização de conceitos de análise musical, de domínio essencialmente teórico, pode beneficiar a prática instrumental em contexto escolar. Pretende-se, desta forma, e num sentido mais lato, apurar a pertinência de uma relação de interdisciplinaridade entre as duas áreas.
Metodologia: Adotou-se uma metodologia de estudo de caso, com a aplicação de conceitos de análise musical em aulas individuais de instrumento de dois alunos do ensino especializado da música. Os resultados obtidos através da observação destas aulas foram analisados no sentido de determinar os efeitos reais da aplicação de conceitos de análise musical na performance em aula. Foi também possível, com base nas vídeogravações das aulas, analisar os conteúdos teóricos efetivamente reconhecidos pelos participantes no estudo.
Resultados: A aplicação de conceitos de análise musical demonstrou ser um fator de resolução de problemas técnicos e de afinação, otimização de tempo útil de estudo e motivação nos intervenientes no estudo. Não foram detetados quaisquer efeitos negativos a partir desta prática. Apurou-se ainda que ambos os alunos detinham um nível de conhecimento teórico-analítico apropriado para o ano de ensino que frequentavam.
Conclusão: Os resultados obtidos apontam no sentido de que a análise musical pode ter efeitos positivos na preparação e interpretação de obras musicais por alunos de instrumento em contexto de ensino artístico especializado. Chegou-se ainda à conclusão de que o conhecimento analítico está, regra geral, presente nos alunos, por via das disciplinas teóricas que frequentam. Considera-se, desta forma, pertinente a existência de uma interrelação mais significativa entre as componentes teóricas e práticas do ensino da música, encorajando-se a que mais investigação seja realizada neste sentido.

Nota biográfica
Inês Pedroso Vieira nasceu em Lisboa a 28 de Fevereiro de 1993. É licenciada em Música pela Escola Superior de Música de Lisboa, mestre em Ensino da Música pela mesma instituição. Encontra-se atualmente em fase de defesa da tese do Mestrado em Musicoterapia, na Universidade Lusíada de Lisboa, e a frequentar o primeiro ano do Doutoramento em Ciências Musicais, com especialização em Ensino e Psicologia da Música, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
Dedica-se profissionalmente ao ensino da música, lecionando as disciplinas de Clarinete e Iniciação Musical em várias escolas de música no distrito de Lisboa, e à musicoterapia, intervindo numa instituição de acolhimento a jovens adultos com deficiência intelectual. A par com isto, dedica-se à investigação em música.

"... and words on music": o texto como base para criação musical

Chamada de Trabalhos

Orador
João Ricardo

27.06.2019
17h00 > 18h30

Resumo
O presente trabalho tem como base a delineação e sistematização de uma metodologia de composição que testa uma possível associação entre componentes textuais e notas musicais. Pode ser encarada como uma transcrição de caraterísticas textuais para parâmetros musicais, de forma a que o texto esteja presente numa outra perspetiva, em que a literatura continue a ser um dos impulsos principais na criação musical, mas diferente de géneros e métodos de composição ligados à literatura pelo uso de texto cantado ou declamado, ou na literatura como inspiração que se pressupõe em reportório de música programática.
Para isso foi desenvolvido um processo de transposição em que o texto é tratado como dados em bruto – consoante os caracteres individuais e combinações entre letras, em silabas, palavras ou frases – resultando em sequências numéricas e alturas de notas, e usadas na construção de motivos, acordes, estruturas, etc.; destas transposições resultam séries de notas musicais, com alturas e durações especificas, que são tratadas como o material musical com que o compositor trabalha. Não se trata de uma transposição ou codificação direta de texto em música, mas sim de explorar como estes processos criptográficos podem ser aplicados artística e criativamente.
As composições que resultaram deste projeto foram conseguidas a partir da aplicação do método acima descrito de transcrições textuais, trabalhadas e metamorfoseadas em diferentes formatos e resultados criativos. O resultado final apresenta-se num portfólio de peças musicais, mas também em três exemplos audiovisuais. Apresentam-se pontos de partida e fundamentos relativos ao desenvolvimento e aplicação deste auxiliar de composição, bem como experiências, rascunhos, e uma análise retrospetiva do que foi feito e das possibilidades futuras. Esta investigação foi desenvolvida como componente não letiva para obtenção de grau de mestre em Artes Musicais.

Nota biográfica
Atualmente a desenvolver a componente não letiva do mestrado em Artes Musicais na FCSH/UNL, sob a orientação do professor Rui Pereira Jorge, e professor de música na EBI do Carregado e na APEE da Escola Básica de Santa Iria da Azóia. Estreou a primeira ópera de câmara a dor de todas as ruas vazias em Janeiro de 2019, pela Inestética Companhia Teatral. Aluno de composição do professor Luís Soldado, frequentou também masterclasses e workshops com os compositores e investigadores Jaime Reis, Vicent Debut, Ake Parmerud, Hans Tutschku, João Pedro Oliveira, Carlos Caires, Dimitris Andrikopoulos, António Sousa Dias, entre outros.
Trabalhou como bolseiro de investigação pelo CESEM no grupo de investigação Música no Período Moderno, sob orientação do professor Manuel Pedro Ferreira, e como estagiário no Dicionário Biográfico Caravelas, sob a orientação do professor David Cranmer.

Disciplinando a análise musical: autonomia e serviço, tradição e globalidade

Chamada de Trabalhos

Orador
José Oliveira Martins

27.06.2019
17h00 > 18h30

Resumo
Esta comunicação propõe uma breve apreciação crítica da institucionalização da disciplina e campo de análise musical sob a perspectiva de dois eixos que informam historicamente as práticas pedagógicas e de investigação. Um eixo crítico refere-se à negociação da compreensão da análise como prática autónoma do saber musical, como construção/descoberta de uma essência musical versus o seu entendimento como actividade aplicada, como área de serviço pedagógico assistindo actividades como a composição musical, a performance, a compreensão histórica, a ilustração teórica, etc. O outro eixo crítico refere-se ao confronto entre a produção analítico-teórica que se organiza em “perspectivas” ou “tradições” que se caracterizam por condicionantes locais (históricas e/ou geográficas) versus aspirações explicativas de carácter universalizante (em consciência ou por omissão).

Nota biográfica
José Oliveira Martins (Ph.D. University of Chicago, Music History and Theory) actualmente é Investigador-FCT em música e humanidades e vice-director do Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes (UCP – Porto). Recentemente, co- organizou (Chair) o simpósio Música Analítica 2019: Porto International Symposium on the Analysis and Theory of Music (http://artes.porto.ucp.pt/pt/Musica-Analitica-2019?).